

A luta pela humanização: algumas referências históricas

RESUMO

A tese principal deste texto é a possibilidade de “ressureição”, de tornar viva a força de trabalho, em estado latente, dos que antes de nós lutaram para superar os perversos modos de produção da vida – feudal, escravista, capitalista – dos quais nos valem para continuarmos, em nosso tempo, na luta permanente, respondendo aos desafios e contradições da realidade concreta. Este texto evoca, ainda, alguns, mas não todos, os que são referências nas lutas sociais na ciência, nas artes e na filosofia, compondo uma trilha histórica que nos permite reconhecer e utilizar, atualmente, este legado da humanidade que nos humaniza.

PALAVRAS-CHAVE: Humanização; Lutas sociais; Ciência; Arte; Filosofia

Celi Zulke Taffarel

Doutora em Educação
Universidade Federal da Bahia
Salvador/BA, Brasil

Obs.: este texto foi apresentado na Câmara de Vereadores da cidade de Salvador, Bahia, no dia 15 de dezembro de 2023, por ocasião da entrega da Medalha Zumbi dos Palmares à autora.

A presente publicação ocorre a convite da Comissão Editorial da Motrivivência.

Video da solenidade

<https://youtu.be/xagIoOmCb2w>

The fight for humanization: some historical references

ABSTRACT

The possibility to bring life to the labor force, in its latent state, of those who fought before us in order to overcome the perverse modes of production – feudal, enslaving, capitalist – of which we use ourselves to continue, in our time, in the permanent struggle, responding to the challenges and contradictions of concrete reality. This text also evokes some, but not all, of those who are references in social struggles in science, arts and philosophy, composing a historical trail that allows us to recognize and use, today, this legacy of humanity that humanizes us.

KEYWORDS: Humanization; Social struggles; Science; Art; Philosophy

La lucha por la humanización: algunas referencias históricas

RESUMEN

La tesis principal de este texto es la posibilidad de “resurrección”, de hacer viva la fuerza de trabajo, en estado latente, de quienes antes que nosotros lucharon por superar los modos perversos de producción de la vida – feudal, esclavista, capitalista– de que nos utilizamos para continuar, en nuestro tiempo, en la lucha permanente, respondiendo a los desafíos y contradicciones de la realidad concreta. Este texto también evoca a algunos, pero no a todos, de quienes son referentes de las luchas sociales en las ciencias, las artes y la filosofía, componiendo un recorrido histórico que nos permite reconocer y utilizar, hoy, este legado de la humanidad que nos humaniza.

PALABRAS-CLAVE: Humanización; Luchas sociales; Ciencia; Arte; Filosofía

INTRODUÇÃO

“Não mexe comigo, eu não ando só”¹

A outorga de uma Medalha de honra como a Medalha Zumbi dos Palmares² diz respeito à luta travada contra o escravismo, o racismo, a exploração e a opressão que tem suas raízes na economia política, desde o período escravista colonial até o racismo estrutural da atualidade. Este momento diz respeito à vida digna da classe trabalhadora em geral e, em especial, da população negra, indígena e quilombola. Esta luta histórica é permanente e vamos aqui nos valer das ancestralidades para agradecer.

Com a devida vênia, com as devidas bençãos, com os devidos agradecimentos a todas as pessoas que me humanizaram me dirijo à querida vereadora Marta Rodrigues a quem agradeço em especial e almejo êxito para permanecer na legislatura no próximo período, visto seu excelente desempenho no mandato popular.

Saúdo os queridos e as queridas parentes, familiares, amigos e amigas, companheiros e companheiras, camaradas. Saúdo também meus filhos e netos biológicos - Brígida, Iuri, Hermano, filhos queridos, e os netos Igor, Marina, Larissa, Ramon, Santiago e Gregório e, aos filhos/as e netos/as sociais. E são muitos, muitos, muitos.

Saúdo Luiz Alberto: Presente! Presente! Presente!³ E referencio honrosamente as Crianças Palestinas massacradas, assassinadas nos ataques na Faixa de Gaza: Presente! Presente! Presente!⁴.

Começo este texto, então, clamando pelo cessar-fogo imediato contra o povo da Palestina, clamando por solidariedade e apoio humanitário ao povo Palestino, clamando pela soberania dos povos, clamando pelo fim do genocídio das crianças e jovens pretos/as, indígenas e quilombolas. Basta! Vidas palestinas importam! Vidas pretas importam!

¹ Trecho da composição e interpretação de Paulo César Pinheiro e Maria Bethânia. Disponível em: <https://www.letras.com.br/maria-bethania/carta-de-amor>.

² Transcrição do discurso proferido por ocasião do recebimento da Medalha Zumbi dos Palmares, pela Câmara de Vereadores de Salvador/Bahia, à autora, em 15 de dezembro de 2023.

³ Luiz Alberto Silva dos Santos, Deputado Federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 2001 e 2015. Líder do Movimento Negro, Assessor da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Governo da Bahia em 2023, faleceu no dia 13 de dezembro de 2023.

⁴ No dia 15/12/2023, dia da entrega da Medalha Zumbi dos Palmares, o povo palestino, em especial na Faixa de Gaza, estava sob o violento ataque de bombas israelenses financiadas e fabricadas pelos Estados Unidos, Canadá e Comunidade Comum Europeia. Já haviam sido ceifadas até esta data, mais de 15.700 vidas sendo maioria crianças e mulheres. Mais de 1,7 milhões de pessoas estão deslocadas da Faixa de Gaza, esta guerra é contra crianças.

DESENVOLVIMENTO

Recorro aos versos de João Cabral de Melo Neto (1994), na obra “Morte e Vida Severina”, para declarar que “é difícil defender só com palavras a vida”. Mas, ciente do que diz Newton Duarte (2016), em sua obra “Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos”, faço referência aos clássicos revolucionários das ciências, das artes e da filosofia neste momento histórico, porque são sínteses ricas de atividades humanas condensadas, em estado de repouso, que devem ser trazidos novamente à vida para nos armar na luta pela vida, pela humanização, pela superação do modo de produção capitalista.

Evocando nossos ancestrais, os clássicos, defendo a vida com as armas do conhecimento, com as armas da crítica. Neste sentido afirmo: quando entro neste recinto – Plenário da Câmara Municipal de Salvador - para receber a honrosa Medalha Zumbi e Dandara dos Palmares, eu não entro só: “Não mexe comigo, eu não ando só”.

Ao entrar neste recinto, não pensem que entro só. Entra comigo a gente preta que o Oceano Atlântico, com muita dor, atravessou. Afinal, são mais de trezentos anos de escravidão e mais de 500 anos de racismo estrutural que hoje determinam as relações sociais no Brasil. Entra a gente que comigo baixou por esta longa estrada da vida, que vem lá do interior, dos campos, das águas e das florestas, gente que pela terra saudável para todos, muito lutou.

Entra comigo a gente, em quem só lagrima e suor não secou, gente triste que os colonizadores, imperadores, capitalistas, imperialistas, depois de explorar e oprimir assassinou.

Quando entro neste recinto, palco da luta de classes, recinto parlamentar de disputas de interesses antagônicos e que, por muitas vezes, assegurou medidas racistas e escravistas, entram comigo ressuscitados os negros e as negras, os/as indígenas, os/as quilombolas, os/as cientistas, os/as artistas e os/as filósofos/as plantados na terra, com diz Ademar Bogo (2003), por desafiar poderosos. Entram os “arquitetos de sonhos”, entram os que lutaram e, por isto, não morrem. Entram comigo a gente que ousou desafiar as classes dominantes e realizar levantes, revoltas, revoluções marcadas por protestos, resistências e muita violência.

Entram comigo Aqualtune e sua filha Sabina. Entram comigo Dandara e Zumbi dos Palmares, assassinado em 20 de novembro de 1695. Entram guerreiras e guerreiros dos quilombos do Brasil. Entra Mãe Bernardete que foi assassinada por defender as terras dos quilombolas.

Ao entrar neste Plenário, comigo também estão os clássicos da ciência, como por exemplo, Darwin e sua Teoria sobre a Evolução das Espécies, estão também os clássicos das artes pictóricas como Van Gogh e seus belíssimos girassóis, que representam nossa Educação do Campo. Entram clássicos da literatura como Shakespeare com suas tragédias, comédias, peças históricas, assim como Dante Alighieri com sua “Divina Comédia”, onde se lê que não tem pior dor do que se lembrar dos tempos felizes na miséria. Entra Victor Hugo com “Os miseráveis”. Entra Cervantes com seu Dom Quixote. Entra a música de Beethoven, em especial a Sinfonia Número 05. Entram George Gordon Byron e seu poema “Le Corsaire”, entra Adholpe Adam e suas composições, entram os coreógrafos Marius Petipa, Jules Perrot. Entram as/os bailarinas/os Isadora Duncan, Fanny Esler, Ekaterina Friedburg, Arthur Mitchell, Ana Botafogo, Mercedes Baptista e entra o eternamente vivo Ismael Ivo. Entram o nosso querido e amado Aldir Blanc e a Elis Regina que cantaram, como João Bosco, o “Corsário”. Entra Gonzaguinha, em especial, com sua música “Vamos à Luta”.

Entra comigo Sócrates, tanto o filósofo da Grécia Antiga e sua grande lição para a humanidade com a sua morte, quanto o Dr. Sócrates e suas lições em defesa da democracia.

Entram também as mulheres, consideradas bruxas, feiticeiras, queimadas em fogueiras nos tempos medievais, submetidas ao código “Malleus Maleficarum” (1484) dos inquisidores Kramer e Sprenger, mulheres que até na atualidade estão sujeitas ao patriarcado, a misoginia, ao feminicídio.

Entram os que nos diferentes modos de produção da vida, do período comunal, escravista, feudal até o capitalista lutaram e lutam contra a servidão, a escravidão, o racismo, a exploração, a opressão, os preconceitos de raça, gênero e classe.

Entra gente dos continentes do Planeta Terra – Da África. Entram as guerreiras de Dahomey, Amílcar Cabral, Nelson Mandela, Agostinho Neto, Patrice Émery Lumumba, Samora Machel, Thomas Sankara, Samir Amim, Wangari Muta Maathai, Kwame Nkrumah, C.L.R. James, Steve Biko, os/as Pan-Africanistas, marxistas, entre muitos outros.

Das Américas, entra o Povo Haitiano que construiu com muita luta a Primeira República Negra vitoriosa, as mulheres e homens haitianos, guerreiros e seus heróis Toussaint Louverture e Jean Jacques Dessalines. Entra o Povo Cubano como Che Guevara, Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e tantos outros guerrilheiros e guerrilheiras que em 1959 derrubaram a ditadura de Fulgencio Batista e instalaram nas Américas uma república socialista que vem sistematicamente sofrendo os boicotes e os embargos econômicos genocidas do imperialismo Norte Americano.

Entram os que lutam contra o racismo e o escravismo no país imperialista norte-americano. Entram os pensadores William Edward Burghardt Du Bois, Rosa Louise Parks, Martin Luther King

Jr, Huey Newton, Elaine Brown, Malcon-X, entram os Panteras Negras, entre outros negros e negras revolucionários norte-americanos.

Entram os que lutaram e lutam no Brasil contra o racismo estrutural, o escravismo, o trabalho análogo ao trabalho escravo, a terceirização, a privatização, a reforma trabalhista, a reforma da previdência, o Novo Ensino Médio, a BNCC, a BNC-Formação, entram os que lutaram e lutam contra “às direitas” nazifascistas.

Entram comigo Luiz Gama, sua mãe Luiza Mahin. Entram Maria Felipa, Abdias Nascimento, Clovis Moura, Luiza Bairos, Conceição Evaristo, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Lelia Gonzalez, Maria Felipa e tantos outros e tantas outras revolucionários/as negros/as, indígenas, quilombolas.

Entram os que lutaram em defesa da soberania da América Latina, contra os regimes e tutelas militares, lutaram e lutam contra os imperialistas colonizadores que mantem as “veias abertas da América Latina como denunciou Galeano”. Entram José Carlos Mariátegui, José Martí, Simon Bolivar, Sandino, Zapata, Luis Emilio Recabarren que nos legaram a luta em defesa da classe trabalhadora, em defesa dos povos originários, em defesa da PATRIA MÃE. Entram pessoas das artes como Violeta Parra, Victor Hara, Mercedes Sosa, entre muitos outros poetas, cantores, literatos e artistas plásticos como Diego Rivera, Frida Kahlo, Xul Solar, Carybé e muitos outros de todas as áreas das artes que nos legaram obras fantásticas, que nos humanizam.

Entram os revolucionários da Bahia desde as Guerras dos Aimorés (1555), dos Tupinambás (1617), da Revolta de Búzios (1798), da Revolta dos Malês (1865). Entra o Corneteiro Lopes e todos os que participaram da batalha do Pirajá defendendo a independência do Brasil. Entram os que clamam e cantam “Com Tiranos não combinam, brasileiros corações”.

Entram os 25 mil massacrados na guerra de Canudos (1896), Entra Antônio Conselheiro. Entram os jovens chacinados na Bahia, assassinados, a maioria deles jovens negros junto as suas mães e seus pais, com a dor da perda dos filhos amados.

Entram Marighella, Lamarca, Herzog e muitos outros presos torturados e assassinados. Entram os estudantes de agronomia e geologia Eudaldo Gomes da Silva, Alexandre Vanuqui Leme, Ronaldo Muti Queiroz e todos os que foram presos, torturados, desaparecidos, assassinados durante a Ditadura Militar no Brasil de 1964, que durou 25 anos. Entram os que resistiram e lutaram contra o Regime Militar de 1964, implantado através do Golpe Empresarial-militar, Golpe que ainda não cessou e que está em curso como o Golpe parlamentar empresarial, midiático, contra a Presidenta Dilma Rousseff, o Golpe da Prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, o Golpe da extrema direita e sua

“necropolítica” que elegeu o inelegível, o inominável. Entram os que gritam: “SEM ANISTIA” para os que participaram, financiaram, foram mentores e incentivaram os atos golpistas no dia 8 de janeiro de 2023. Em defesa da vida digna, da humanização, da democracia, continuaremos a clamar: DITADURA NUNCA MAIS. REGIME MILITAR NUNCA MAIS! SEM ANISTIA!

Entram comigo os que defenderam e defendem teorias pedagógicas progressistas – A Pedagogia Socialista, da Alternância, do Movimento, do Oprimido, Popular, Histórico-crítica. Entram nossos/as ancestrais, em especial os Griôs vivos como Edenice Santana e Gilberto Leal.

Da Europa entram os heróis da Comuna de Paris. Entram os revolucionários do Leste Europeu, da Revolução Russa de 1917. Entram os que nos legaram as armas da crítica, entram Marx, Engels, Rosa de Luxemburgo, Lênin, Trotsky, Pachukanis, Krupskaja, Maiakovski. Pistrak, Shulguin. e outros que seguraram um processo revolucionário, que iniciou com o levante de 1905 para se concretizar com a revolução de outubro de 1917. Entram os contemporâneos que já partiram – Gramsci, Lukács, Mészáros, Hobsbawm, e muitos outros, em todos os continentes, que formularam, viveram, ombro-a-ombro com a classe trabalhadora, lutando pela emancipação humana.

Da Ásia, da Oceania e Antártica entram os Movimentos Populares de luta social, os que fizeram a revolução cultural da China, entram Mao Tsé Tung, Ho Chi Minh e a resistência vietnamita. Entram os povos do Oriente Médio entre os quais destaco o povo palestino que há 75 anos luta por sua soberania e autodeterminação, povo ameaçado de extermínio violento pelas forças de Estados imperialistas como Israel, Estado Unidos, Canada e União Europeia que estão apoiando o genocídio.

Entram os que lutaram e lutam em defesa dos Povos originários, contra colonizadores, exploradores, “assassinos sociais”. Entram os que realizaram levantes e insurreição no Brasil e nas Américas.

Os golpes contra a classe trabalhadora em geral e, em especial, ao povo negro, quilombola e indígena, continuam em curso diariamente em nosso país, com o setor rentista da economia consumindo aproximadamente 50% do Produto Interno Bruto com juros altíssimos, privatizações, desmonte dos serviços públicos, Reforma do Ensino Médio, derrubada de vetos ao Marco Temporal, Reforma trabalhista, previdenciária, administrativa, golpes que visam manter o perverso, destrutivo e totalitário regime capitalista onde os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres e miseráveis.

Reconheço: “Não nascemos humanizados, nos tornamos humanos nas relações concretas de produção da existência, através do trabalho, enquanto possibilidade sócio-histórica, como bem pesquisaram e elaboraram teorias como Vigostky, Luria, Leontiev e, que hoje nos são legadas na

atualidade pelo incansável trabalho acadêmico de Ligia Marcia Martins, Demerval Saviani, que consolidam em nosso país a teoria psicológica histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica.

Nos humanizaram e nos humanizam os que deixaram legados de lutas concretas, enfrentando os desafios de suas épocas e os da atualidade, como por exemplo, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, e na atualidade Luiz Carlos de Freitas, Demerval Saviani, Roseli Caldart entre outros.

Nos desumanizamos quando nos negam as condições de vida digna, quando nos negam o acesso ao patrimônio cultural revolucionário construído historicamente pela humanidade. Quando nos negam acesso aos conhecimentos científicos, as artes, a filosofia. Quando nos negam o que foi gerado pelo nosso trabalho e é apropriado privadamente como lucro, riqueza nas mãos de poucos.

É desumano colocar a dívida acima da vida como faz o setor rentista, parasitário, da economia, os que comercializam dinheiro. É um crime contra a humanidade manter o povo na ignorância, e quem o faz são “assassinos sociais” conforme bem designou Engels em 1845, na obra “A situação da Classe trabalhadora na Inglaterra”. São “assassinos sociais” os que orientam a política econômica para manter suas taxas de lucro, promovendo retirada de direitos, privatizações, destruir contratos sociais que garantem soberania, democracia, conquistas da classe trabalhadora.

São “assassinos sociais” os que legislam a favor dos interesses do capital cujo cimento é a exploração e opressão de classe, gênero e raça. São “assassinos sociais” os que nos ameaçam com guerras nucleares, os que promovem catástrofes climáticas e os que rasgam os contratos sociais onde constam condições de existência digna da classe trabalhadora, constitucionalizando a barbárie.

Não nascemos humanos, nascemos com possibilidades que são concretizadas em tempos históricos, na lida concreta do dia a dia, no seio da família biológica e social, na escola, na universidade, nas igrejas, no trabalho, na militância, nos organismos de luta da classe trabalhadora, no Movimento Estudantil, partidário, sindical, nos movimentos populares de luta social, nas entidades profissionais e científicas. Aprendi na luta que não basta não ser racista, é preciso ser antirracista, anticapitalista, anti-imperialista. Estou me humanizando no tempo da vida individual, no tempo histórico da classe trabalhadora e no tempo histórico da humanidade.

Este tempo que pesa sobre nossos ombros é o tempo histórico do destrutivo modo de produção capitalista. É chegado o tempo de o capitalismo ser superado por uma forma outra de produzir a vida. Existem evidências históricas que demonstram que é possível, SIM, alterar o modo de vida, como demonstrado na Comuna de Paris, no continente europeu, que durou 72 dias, como o socialismo na União Soviética, no leste europeu, que durou 70 anos, como em Cuba, na América Central, que resiste

há 64 anos aos boicotes e embargos econômicos imperialistas. Experiências concretas demonstram outras possibilidades de relações de produção da vida como a agroecologia, a agricultura familiar, a luta pela terra guardada, preservada como fazem os povos tradicionais dos campos, águas e florestas. Todos esses são indicadores de que a luta é permanente, necessária, vital, internacional, para superar o Capitalismo. A luta é para vencer.

Neste processo histórico, com o risco de não mencionar todas as pessoas e entidades, destaco a relação humanizante com a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Associação Nacional dos Pós-graduandos (ANPG), os Diretórios Centrais dos Estudantes e os Diretórios Acadêmicos. Destaco na lembrança da violência, o embate que travamos quando da invasão da UFBA por parte da Polícia Militar a mando de Antônio Carlos Magalhães, fato documentado na obra de Wandaick Costa de título “Esta Bahia Nunca Mais”.

Neste processo, me humanizaram o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, nosso “Coração Valente”, que enfrentaram a extrema direita dentro das contradições do Partido dos Trabalhadores. Destaco a IV Internacional em sua sessão Brasileira, dentro do PT, a Corrente o Trabalho; o Movimento Sindical, no ANDES-SN e dentro dele o Renova Andes-SN, na Central Única de Trabalhadores/as (CUT), no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), no Movimento Negro, em especial a CONEN e dentro dela a CONEM Mulher e, o aquilombamento Niger Okán, a Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negros e Negras (ABPN), o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), a Associação Nacional de Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), a Associação Brasileira de Administração e Gestão da Educação (ANPAE), a Associação Brasileira de Biomecânica (ABB), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O MNCR – Movimento Nacional Contra a Regulamentação.

Me humanizaram nas redes de pesquisa e pesquisadores como a Rede Nacional de Pesquisadores em Educação Física, Esporte e Lazer (LEPEL), como a Rede Nacional de Pesquisa em História, Sociedade e Educação (HISTEDBR), a Rede Diversidade e Autonomia na Educação Pública (REDAP), a Rede Latino-americana de Pesquisa em Educação do Campo, da Cidade e Movimentos Sociais (REDE PECC-MS), a Rede Nacional de Pesquisa sobre Militarização da Educação (RENAME), a Rede Brasileira por Instituições Educativas Socialmente Justas e Aldeias, Campos e Cidades que Educam (REDHUMANI).

Nos Observatórios, Fóruns, Comitês e Comissões, destaco a relação com o Observatório Nacional de Educação Integral/UFBA (OBSNEI); o Fórum Estadual de Educação da Bahia (FEEBA), o Fórum Estadual de Educação do Campo da Bahia (FEEC/BA), o Fórum Baiano de Defesa da

Pedagogia; o Fórum Baiano de Educação Infantil; o Fórum Baiano em Defesa do Serviço Público; o Fórum de Defesa da Licenciatura Ampliada; o Comitê de Vacinação pelo SUS; o Comitê Popular de Luta da UFAL, Comitê de Educação Integral da Bahia, o Fórum em Defesa da Criação da Universidade do Nordeste da Bahia e criação da Universidade Brasil-África. Destaco a Comissão Pedagógica do Programa Nacional de Educação em Áreas de Reforma Agrária (PRONERA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) do Ministério de Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA).

Destaco também neste processo de humanização, as relações com os Movimentos Populares de Luta Social, sendo eles: a Escola Nacional Florestan Fernandes; a Escola de Formação Quilombola Zumbi dos Palmares; a Escola de Formação Luíza Mahin, o Instituto Luiz Gama, o Movimento Popular Histórico de Canudos; o Comitê em defesa da Libertação de Julian Paul Assange; o Comitê Baiano de Solidariedade ao Povo Cubano; a Rede Universitária de Solidariedade ao Povo Palestino; o Comitê de Combate ao Corona vírus COVID-19 do Consórcio do Nordeste, coordenado pelos cientistas Dr. Miguel Nicolelis e Dr. Sergio Rezende.

Destaco, em especial, as relações profícuas estabelecidas com as Universidades onde estudei (UFRGS, UFPE, UNICAMP, Universidade de Oldenburg, Instituto de Ciências do Esporte da Universidade de Vechta, Universidade Técnica de Braunschweig/Alemanha); Universidades onde trabalhei (UFPE, UFBA, UFAL) e as Universidades onde prestei, na maioria das vezes, trabalhos voluntários nas cinco regiões do Brasil. Uma lembrança especial no que diz respeito às universidades, é a convivência pessoal e acadêmica com a professora Dra. Micheli Ortega Escobar, chilena, que nos duros anos de Ditadura Militar adotou o Brasil como sua segunda pátria.

Me humanizaram as relações com mais de 100 orientados de mestrado e doutorado, de quem estou recebendo cartas amorosas e com quem convivi e convivo na lida acadêmica construindo a Teoria da Educação do Campo e a Teoria da Educação Física Crítica Superadora de base marxista. Destaco os milhares, sim, milhares de estudantes dos cursos de graduação, aperfeiçoamento, especialização e de cursos de formação continuada dos quais participei e participo contribuindo na formação humana, defendendo a consistente base teórica, a consciência de classe, a formação política e a inserção nos movimentos de luta social da classe trabalhadora. Destaco a relação com os estudantes de graduação que orientei em programas como PIBIC, PIBIC-AF, PIBITI, PIBIC-MS, PIBIC-Jr, PIBITI-Jr , PROEXT - PIBIEX, PLI – Programa de Licenciatura Internacional.

Destaco os que estão aqui presentes. Agradeço por vocês terem contribuído na minha humanização e em nome de Carlos Roberto Colavolpe saúdo os que já partiram.

Me humanizaram as relações com colegas no exterior, em que destaco Jurgen Dieckert e Reiner Hidebrandt-Stramen da Alemanha, Xabier Arrizabalo Montoro da Espanha, Eloy Altuve Mejia da Venezuela, Luiz Soares Salazar, Rafael Garcia Cañedo e Jesus C. Sanches Trasanco de Cuba, Jorge Fabian Cabaluz Ducass do Chile, Susana Vior da Argentina, Alfredo Gabriel Buza de Luanda, Mvana Maloa, Tome Maloa e Tiago Gama de Guiné Bissau, e Silvio Francisco de Moçambique, África. Johan Rock Gougueder Tean e Jean-Bernard Jean-Louis do Haiti.

Em todos os espaços citados e relações, aprendi, repito, que não basta não ser racista, é necessário ser antirracista, anticapitalista, anti-imperialista. Sou o que sou, porque reflito em mim o que me veio dessas profícuas relações sociais. Agradecimentos especiais aos que nesta quadra difícilíssima da vida, entre pandemia, avanços “das direitas”, crise nuclear, climática e civilizatória, tempos de guerras e genocídios, tempos de avanços da barbárie, preservaram nossas vidas, enfrentando os que nos condenaram a morte com a implementação da necropolítica, a política da morte comandada pela extrema-direita nos governos de Temer e Bolsonaro, com a cumplicidade de seus mais de 8 mil militares dos quais 12 Ministros provenientes das forças armadas que sustentaram a extrema direita no governo no período de 2019-2022 tendo como presidente e vice-presidentes dois militares, Bolsonaro e Mourão. Almejo que se faça valer o que concluiu a CPI do Senado, sobre a COVID-19, levando os responsáveis a responderem por crime contra a humanidade, crimes comuns e crimes de responsabilidade. SEM ANISTIA.

São sete anos desde o Golpe de 2016 contra a Presidenta legitimamente eleita e empossada. Tempos difíceis e terríveis onde “eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”, como diz Conceição Evaristo. Mas, muitos que deveriam estar aqui, partiram, não conseguiram escapar. Por isto exigimos que os “assassinos sociais” sejam julgados e respondam pelos seus crimes de responsabilidade, crimes comuns e crimes contra a humanidade. Enfrentamos e derrotamos nas urnas os nazifascistas, manipuladores da fé alheia, negacionistas, obscurantistas. Agora temos que banir os nazifascistas dos espaços de poder, porque representam uma ameaça à humanidade.

A GUISA DE CONCLUSÃO

Hoje é dia 15 de dezembro de 2023, o Natal e um novo ano já se anunciam. Não podemos ser hipócritas e, em meio a guerras na Ucrânia, na Faixa de Gaza, na África e na América Latina, com massacres e genocídios, defender só com palavras a vida. A vida exige mais de todos nós, exige a coragem, como nos diz João Guimarães Rosa, em sua obra “Grande Sertão Veredas”: coragem para

agir concretamente, coletivamente, para enfrentar e derrotar a exploração e opressão de classe, gênero e raça. Não dá para ser feliz acompanhando massacres, genocídios, extermínios étnico-raciais e de gênero. Por isto faço um convite, para que possamos agir, nos mobilizando, organizando e barrando o capitalismo, o imperialismo, as “direitas” - extrema direita, direita, centrão. Estas forças políticas e econômicas estão “constitucionalizando a barbárie” ou “barbarizando a constituição” com emendas que desconfiguram completamente a já frágil Constituição de 1988, o que está a exigir uma constituição nova com incorporação do que são as reivindicações da classe trabalhadora.

Na atualidade, as forças destrutivas estão arruinando as condições de vida da classe trabalhadora e, principalmente, da população negra, indígena e quilombola. Vamos agir para construir outro modo de produção da vida para além do capital. Já temos exemplos dessas possibilidades nos movimentos de luta social pelas reivindicações concretas como comida, casa, segurança, transporte, saúde, educação, emprego renda, ou seja, trabalho digno, mais e melhores serviços públicos, reforma agrária popular, agroecologia, sem privatizações, sem retirada de direitos, sem guerras. Como nos diz Enoque de Oliveira, da resistência de Canudos, “Deixe-me viver; deixe-me falar; deixe-me crescer; deixe-me organizar. O Povo Organizado vai vencer”.

A luta continua, é permanente, é necessária, é vital, é internacional. A luta é para vencer.

Finalizo agradecendo a todas as manifestações, ressaltando que reflito em mim o que me vem de vocês e compartilho esta homenagem com cada um, cada uma de vocês que me humanizaram.

Finalizo com a frase de Florestan Fernandes (2017) que atualiza a frase de Marx e Engels no final do Manifesto Comunista: ***“PROLETÁRIOS NEGROS E BRANCOS, UNI-VOS PARA FORJAR A SUA SOCIEDADE, NÃO A DOS CAPITALISTAS”***.

REFERÊNCIAS

BOGO, Ademar. **Arquitetos de sonhos**. São Paulo: Expressão popular, 2003.

DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos**. Campinas/SP: Autores Associados, 2016.

FERNANDES, Florestan. **O Significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular e Fundação Perseu Abramo, 2017.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

NOTAS DE AUTOR

Celi Zulke Taffarel

Doutora em Educação

Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil

celi.taffarel@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3593-4279>

AGRADECIMENTOS

À vereadora Marta Rodrigues

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO – não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM – não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Comissão Editorial

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Comissão Editorial

HISTÓRICO

Recebido em: 15.02.2024

Aprovado em: 15.02.2024

